



PERU

Nação sem governo

Congresso aprova moção de censura e destitui o presidente interino José Jerí. Acusado de má conduta funcional e falta de idoneidade, ele é o sétimo chefe de Estado a comandar o país em uma década. Até a noite de hoje, país não terá um líder

» RODRIGO CRAVEIRO

Por 75 votos a favor, 24 contra e três abstenções, o Congresso do Peru destituiu, na tarde de ontem, o presidente interino da República, José Jerí, que há quatro meses substituiu Dina Boluarte no comando da Casa de Pizarro — sede do Executivo. Jerí se tornou o sétimo chefe de Estado a abandonar o poder em uma década. Ele foi afastado do cargo após um julgamento relâmpago que o acusou de má conduta funcional e falta de idoneidade para o exercício da função. Figura polêmica, Jerí reuniu-se com empresários chineses dentro e fora do palácio e contratou mulheres, depois de reuniões noturnas.

Para o impeachment, era necessário que 58 congressistas votassem pela censura ao governo. "A mesa diretora declara a vacância da Presidência da República", anunciou o presidente interino do Congresso, Fernando Rospigliosi. Às 18h de hoje (20h em Brasília), os legisladores peruanos elegerão o sucessor de Jerí, cujo mandato terminaria em julho. O Peru realizará eleições legislativas e presidenciais em 12 de abril.

Professor de relações internacionais da Pontifícia Universidad Católica del Perú, Oscar Vidarte Arévalos afirmou ao **Correio** que as regras no país não são muito claras. "Jerí foi censurado como presidente do Congresso, enquanto Boluarte sofreu uma vacância. A censura requer menos votos do que a vacância. Agora, será necessário eleger um presidente do Legislativo, para que assuma a Presidência da República até julho deste ano", explicou. "É uma situação muito estranha, que demonstra graves deficiências na institucionalidade que regula o sistema político peruano. A destituição de Jerí era quase inevitável, pois ele chegou à Presidência sustentado por um pacto mafioso, formado com as bancadas da direita e da esquerda."

De acordo com Arévalos, o fato de Jerí ser jovem e inexperiente levantava muitas dúvidas. "Ele foi acusado de abuso sexual e era alguém vinculado ao lobby com

Presidência do Peru/AFP



Jerí posa para selfie com simpatizante em frente à Casa de Pizarro, sede do Executivo, em Lima, na véspera de sua queda: figura controversa

Victor Vásquez/Congresso do Peru/AFP



Deputados em sessão extraordinária que aprovou o impeachment

algumas empresas. Não tinha o perfil de um presidente em transição", observou o estudioso. "O pacto mafioso acabou por sustentá-lo, mas, em pouco tempo, Jerí demonstrou ineficácia na gestão de

segurança e manteve as práticas lobistas com empresários e com visitas de mulheres durante a madrugada à Casa de Pizarro. Em quatro meses, ele destruiu a figura presidencial. Foi um presidente medíocre."

Ernesto Benavides/AFP



Manifestantes celebram fim do governo, do lado de fora do Congresso

Entre a manhã de ontem e a noite de hoje, o Peru permanecerá em um limbo político, sem um chefe de Estado interino.

Eduardo Dargent, autor de *Caviar: Del Pituco de Izquierda al*

Multiverso Progre (Caviar: do "mauricinho" de esquerda ao multiverso progressista, pela tradução literal) e professor de ciência política da Pontifícia Universidad Católica del Perú, avalia que a sucessiva

Eu acho...

Arquivo pessoal



"O Congresso nomeou um presidente que enfrentava críticas generalizadas e trazia uma carga muito pesada. O Legislativo preferiu deixá-lo como presidente, porque isso garantiria a submissão do Executivo perante o Congresso. Quando escândalos de corrupção e a nomeação de mulheres a cargos altos explodiram, ele acabou caindo. O custo era alto demais."

EDUARDO DARGENT, professor de ciência política da Pontifícia Universidad Católica del Perú (em Lima)

instabilidade política no país se explica pela erosão de regras que protegiam o presidente, submetidas a várias interpretações. "Isso tornou possível, com o voto da maioria no Congresso, a vacância presidencial. Existe a interpretação de que o líder do Legislativo deve ocupar a Presidência da República. Tudo aponta na direção de um enfraquecimento da figura presidencial", adverte à reportagem.

Ainda segundo Dargent, um apoio a Jerí, em ano eleitoral, poderia ser algo muito oneroso, sob o ponto de vista político. "Os congressistas que o retiraram do poder são os mesmos que o colocaram. Escolheram uma figura com uma série de suspeitas sobre lobby e a contratação de mulheres para o gabinete presidencial. Foi uma irresponsabilidade o Congresso nomear alguém assim." O cientista político alerta que uma eleição ordenada torna-se cada vez mais difícil. "Será preciso nomear outro presidente do Congresso e será difícil buscar um legislador mais racional e que não esteja se candidatando à Presidência, em abril, para assumir o cargo interinamente", avaliou. Ele prevê um novo líder interino marcado pela instabilidade e pelas críticas. "Vivemos um desastre", assegurou Dargent.

LUTO NOS ESTADOS UNIDOS

Morre Jesse Jackson, ícone dos direitos civis

Há 42 anos, durante a Convenção Nacional Democrata, Jesse Jackson afirmou: "Os Estados Unidos não são como um cobertor — um pedaço de tecido sem interrupções, da mesma cor, da mesma textura, do mesmo tamanho; são mais como uma colcha de retalhos — muitos retalhos, muitas peças, muitas cores, muitos tamanhos, todos tecidos e unidos por um fio comum". Foi esse mesmo fio, graças à percepção e à luta do reverendo, que permitiu aos EUA superarem o ódio racial e elegerem Barack Obama como o primeiro presidente afro-americano do país. A voz carismática de Jackson silenciou-se, ontem, aos 84 anos. Em 2017, ele revelou que sofria da doença de Parkinson. A imprensa norte-americana informou que, em novembro passado, o ativista foi diagnosticado com um outro distúrbio neurodegenerativo.

"É com profunda tristeza que anunciamos o falecimento do líder dos direitos civis e fundador da Coalizão Rainbow Push, o honrado reverendo Jesse Louis Jackson. Ele morreu, em paz, na manhã desta terça-feira, ao lado da família", afirmou uma nota dos familiares. "Sua fé inabalável na justiça, na igualdade e no amor inspirou milhões de pessoas, e pedimos que honrem sua memória

continuando a luta pelos valores pelos quais viveu." Jackson esteve ao lado de Martin Luther King Jr., quando o também reverendo e líder maior da luta pacifista pelos direitos civis dos negros foi assassinado na varanda de um hotel em Memphis (Tennessee), em 4 de abril de 1968.

Barack Obama e a mulher, Michelle Obama, se disseram "profundamente entristecidos" com a morte de um "verdadeiro gigante". "Por mais de 60 anos, o reverendo Jackson ajudou a liderar alguns dos mais importantes momentos para mudanças na história da humanidade. Desde a organização de boicotes e protestos silenciosos ao registro de milhões de eleitores até a defesa da liberdade e da democracia ao redor do mundo, ele foi incansável em sua crença de que todos somos filhos de Deus, merecedores de dignidade e respeito", escreveu Obama. "Ele fundou as bases para minha própria campanha ao cargo mais alto da Terra." Ao homenagear Jackson, o atual presidente republicano, Donald Trump, atacou o antecessor democrata. "Jesse era uma força da natureza. Ele teve grande influência na eleição de Barack Hussein Obama, um homem que Jesse detestava, sem receber reconhecimento ou crédito por isso", disse.

Kamil Krzaczynski/AFP



Jackson em ato contra Trump e a supremacia branca, em 2021

Protagonismo

Cientista político e diretor do Centro para Estudo da Diversidade e Democracia da Northwestern University (em Illinois), Alvin B. Tillery Jr. disse ao **Correio** que a contribuição mais importante de Jesse Jackson foi estrutural. "Após o assassinato de Martin Luther King, o movimento enfrentou uma

encruzilhada: recuar para protestos simbólicos ou avançar em direção às instituições partidárias. Jackson escolheu a segunda opção. Ele ajudou a consolidar as reformas iniciadas após a Convenção Democrata de 1968 e pressionou o Partido Democrata a adotar um sistema de primárias com delegados diversos, o qual abriu o processo de nomeação para afroamericanos,

mulheres e ativistas de base."

Denilde Holz hacker, doutora em ciência política e professora de relações internacionais na ESPM, afirmou ao **Correio** que Jesse Jackson sempre teve atuação importante na luta pelos direitos civis e da comunidade negra. "Ele teve papel atuante na década de 1960 e, durante o governo Obama, mobilizou a comunidade negra e

Personagem da notícia

Uma batalha sem armas

Jesse Louis Burns nasceu em Greenville, na Carolina do Sul, em 8 de outubro de 1941, fruto da união entre uma mãe solteira adolescente e um ex-pugilista profissional.

Sua mãe casou-se mais tarde com outro homem, Charles Jackson, de quem adotou o sobrenome. "Não nasci com uma colher de prata na boca. Era uma pá o que estava previsto para minhas mãos", declarou certa vez, ao citar a infância difícil, vivenciada em um país marcado pela segregação racial.

Companheiro de Martin Luther King Jr. nos anos 1960 e orador talentoso,



esse pastor batista fez recuar ao longo de sua vida as barreiras que limitavam o espaço político aberto aos afro-americanos. Na década de 1960, tornou-se popular ao trabalhar para a Conferência Cristã de Liderança do Sul (SCLC), uma ONG que pregava a luta não violenta pelos direitos civis dos afroamericanos e atuava sob a batuta de King. Depois, criou outras duas organizações para promover a igualdade e a justiça social: PUSH (Pessoas Unidas para Salvar a Humanidade), em 1971, e a Coalizão Nacional Arco-Íris, nos anos 1980, que uniria em 1996.

as organizações dos direitos civis. Era uma importante figura na luta pela ampliação dos direitos dos negros nos EUA", explicou. "Na medida em que outros líderes perderam espaço, ele conseguiu se manter relevante. Jackson foi um modelo para Obama, quando o democrata entrou na política e durante o seu governo." (Rodrigo Craveiro)